

Daytime television in Portugal: A look at the evolution of morning talk shows (1985-2023)

O daytime televisivo em Portugal: um olhar sobre a evolução dos talk shows matinais (1985-2023)

Abílio Almeida*

 * Communication and Society Research Centre, Institute of Social Sciences, University of Minho (id6461@uminho.pt)

Abstract

This study analyses the specificity of the morning period in generalist free-to-air television in Portugal. In general, daytime television is characterised by its specific audience and the specific content offered by the channels. Using an interdisciplinary approach that includes the analysis of written documents, audiovisual material and interviews, this analysis seeks to identify the main programmes, actors and events that have characterised this period of television in the last years (RTP1, SIC and TVI). The study traces the evolution of morning talk shows in Portugal, analysing changes and trends over time. The results of this analysis contribute to a deeper understanding of the dynamics of morning television in Portugal, as well as to knowledge about the evolution of television programming in specific cultural contexts. This study is relevant to academics, television industry professionals and anyone interested in the history and impact of television on Portuguese society.

Keywords: Television, Evolution, Daytime, Talk Shows, Mornings, Portugal.

Resumo

Este estudo analisa a distinta natureza do período matinal na televisão generalista em sinal aberto, em Portugal. No panorama geral, o *daytime* televisivo tem sido caracterizado pela sua audiência específica e pelos conteúdos particulares oferecidos pelos canais. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que inclui a análise de documentos escritos, material audiovisual e entrevistas, esta análise procura identificar os principais programas, intervenientes e eventos que marcaram este período televisivo nos últimos anos (RTP1, SIC e TVI). O estudo traça a evolução dos *talk shows* matinais em Portugal, analisando as mudanças e tendências ao longo do tempo. Os resultados desta análise contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas da televisão matinal em Portugal, bem como para o conhecimento sobre a evolução da programação televisiva em contextos culturais específicos. Este estudo é relevante para académicos, profissionais da indústria televisiva e todos os interessados na história e na influência da televisão na sociedade portuguesa.

Palavras-chave: Televisão, Evolução, Daytime, Talk Shows, Manhãs, Portugal.

Introdução

O *daytime* televisivo, o período televisivo que ocorre durante o dia, que pode variar consoante as interpretações e as épocas (mas que, no presente estudo, se entenderá que seja entre 10 e as 18/19 horas), tem, desde há muito, dentro e fora de Portugal, inúmeras particularidades que o tornam um tempo televisivo único (Almeida, 2022; Hixson, 2000; Hyatt, 1997; Lourenço, 2017; Nazareth, 2016; Stole, 2003).

Primeiro, destaca-se pela sua orientação específica a um conjunto de indivíduos que, ao contrário da maioria da população, durante esse período, não está a trabalhar, pelo menos fora de casa, e, dentro desse grupo, tem-se direcionado sobretudo para mulheres (Cersch, 1999; ERC, 2016; GfK, 2019; Herzog, 1944; Stole, 2003). Depois, por pouca ser a população disponível, o orçamento é por norma pequeno (Nazareth, 2016). Esta situação, como consequência, requer por vezes que os seus principais intervenientes tentem chamar o máximo de atenção possível com o mínimo de recursos disponíveis (Hixson, 2000; Hyatt, 1997). Uma tarefa árdua que, inevitavelmente, faz com que o conteúdo explorado se torne, não raras vezes, aos olhos de muitos, questionável, invulgar e até censurável (Greenberg et al., 1997; Haarman, 2001; Hixson, 2000; Rössler & Brosius, 2001; Rubin & Step, 1997).

Todavia, para o seu público habitual, aquilo que aos olhos de muitos é visto como imoderado, não aparenta de modo algum ser motivo de preocupação. Há várias décadas, desde os tempos da rádio (Herzog, 1944; McQuail, 2003), que o público de *daytime* adapta a sua rotina a esses programas, entendendo que se trata de um tempo televisivo precioso e de utilidade variada (Herzog, 1944; Manga, 2003; Stole, 2003). Misturar a realidade com a ficção e o entretenimento com a informação também não aparenta afastar os seus fieis telespectadores, que muitas vezes têm nesses programas uma das suas principais fontes de esclarecimento, de conhecimento (Almeida, 2024b; Brants, 1998; Lourenço, 2017; Stockwell, 2004).

Uma outra característica, resultante das restantes, é o facto de, hoje em dia, esse período ser preenchido por programas que giram em torno de conversas, os chamados *talk shows*, ou seja, *shows* feitos a pensar no público e sustentados sobretudo no ato de conversar (Charaudeau & Ghiglione, 2000; Mittell, 2004; Timberg, 2002). Para alimentar esses *shows*, o mais importante ingrediente aparenta ser as expressões emocionais dos seus intervenientes, por vezes positivas, por vezes negativas, consoante a hora e o estilo do programa (Herzog, 1944; Hixson, 2000; McQuail, 2003; Rubin et al., 2003). Para alimentar esse contínuo diálogo são convidadas várias pessoas que se substituem umas às outras, cada uma com a sua partilha. Por norma, essas “celebridades” – no qual se inserem, cada vez mais, os membros da classe política que visam uma aproximação mais pessoal com os eleitores (Almeida, 2022; Parkin, 2014; Pereira, 2016) – revivem os seus feitos profissionais ou pessoais, com a ajuda de fotos, vídeos ou convidados surpresa, e ainda revelam alguns dos seus planos para o futuro.

É certo que a televisão tem passado por incontáveis mudanças nos últimos anos (Aladro, 2000; Almeida & Wolton, 2024; Casetti & Odin, 1990; Correia, 2015; Eco, 1986; Filho, 2015; Gradim, 2015; Wolton, 1994). No entanto, desde o aparecimento do chamado *fenómeno Oprah*, dentro do *daytime*, o seu estilo de comunicação, baseado numa empatia contínua e não apenas na mera simpatia, parece ser o modelo, o padrão, o que se espera e deseja desses profissionais (Almeida, 2022; Glynn et al., 2007; Illouz, 2003; Peck, 2010). Chorar com os que choram e rir com os que riem parece ser o requisito, o lema, desses programas e daqueles que os conduzem.

As emoções, conforme já referido, são por norma um dos principais ingredientes deste período televisivo particular, mas muitas vezes a sua importância supera até mesmo os rostos e as pessoas que as transportam (Almeida, 2022; Herzog, 1944; Hixson, 2000; Hyatt, 1997). Todavia, se os programas da tarde tendem a

preferir as emoções consideradas negativas, os da manhã parecem sobretudo focar nas positivas, tão associadas nos nossos dias às “alegrias partilhadas”, histriónicas, à ostentação de jovialidade, de contentamento, etc. (Cabanas & Illouz, 2019; Lipovetsky, 2007, 2014; Maffesoli, 1995, 2001, 2014).

No âmbito deste estudo, propõe-se uma análise das características distintivas do período televisivo matinal em Portugal. Deste modo, ao longo da investigação, será explorado a evolução dos talk shows matinais. Conforme detalhado no próximo tópico, a pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, abrangendo a análise de documentos escritos, material audiovisual e entrevistas, com o objetivo de identificar os principais programas, intervenientes e acontecimentos que moldaram a televisão matinal dos últimos anos, na RTP1, SIC e TVI.

Questões metodológicas

Neste estudo, optámos por uma abordagem de análise documental, complementada por entrevistas, nas quais documentos escritos e audiovisuais foram utilizados como fontes de informação. A análise documental, tal como definida por Moreira (2005, p. 271), engloba a identificação, verificação e avaliação de documentos com um propósito específico. O objetivo principal consistiu em compreender a evolução da primeira parte do *daytime* televisivo em Portugal, o que primariamente exigiu uma revisão de literatura detalhada e a construção de um quadro teórico (Carmo & Ferreira, 2008; Denscombe, 2003; Pardal & Lopes, 2011). Para assegurar a imparcialidade das fontes de informação, foram seguidas as diretrizes estabelecidas por Carmo e Ferreira (2008, p. 73), incluindo a seleção, tratamento e interpretação de informações de fontes confiáveis. No âmbito deste estudo, o uso regular da Internet revelou-se crucial, permitindo o acesso a conteúdos que, de outra forma, seriam inacessíveis, incluindo a visualização de programas matinais recentes e antigos e a descoberta de diversos documentos, todavia, tal processo teve sempre em atenção a origem, a credibilidade e a autenticidade das fontes selecionadas (Denscombe, 2003, p. 214). Foi várias vezes necessário validar externamente a existência de algum programa de televisão, especialmente aqueles de vida curta, por meio de múltiplos critérios, incluindo testemunhos de profissionais do setor, referências em textos e evidências visuais. De uma forma geral, essas validações pessoais foram integradas no texto sem se mencionar explicitamente quem as proferiu, salvo os casos em que determinada informação tenha sido referida apenas por uma pessoa. Nesses casos, o nome da pessoa como fonte de informação foi destacado. Todas as entrevistas adotaram uma abordagem semiestruturada, inspirada em autores como Adams (2015), DeJonckheere e Vaughn (2019) e Fortin (2009), visando proporcionar uma certa liberdade aos entrevistados e ao entrevistador, mas ainda assim tendo sempre como base o guião de entrevista (Adams, 2015; DeJonckheere & Vaughn, 2019; Gaskell, 2008). A seleção dos participantes baseou-se na sua conexão profissional com o fenómeno em estudo e na variedade das suas experiências.

Por fim, é crucial destacar que, apesar da diligência na construção da narrativa histórica dos programas, subsiste a possibilidade de esta incorrer em alguma imprecisão. Tal acontece devido à dificuldade em obter informações oficiais através dos respetivos canais televisivos, apesar dos esforços em consultar diversas fontes.

Em síntese, este estudo empregou uma abordagem metodológica que englobou a análise documental,

incluindo a revisão de literatura, bem como a análise de documentos escritos e audiovisuais, com foco na evolução dos programas analisados. Adicionalmente, essa abordagem foi enriquecida através de entrevistas com profissionais que estiveram diretamente envolvidos ou acompanharam de perto a trajetória da primeira parte do *daytime* televisivo em Portugal. Por fim, é importante destacar que a análise deste variado conteúdo desempenhou um papel central no processo de apreciação e discussão dos resultados obtidos (Drisko & Maschi, 2015).

Este estudo foca a atenção em dois termos frequentemente utilizados, mas que podem causar alguma estranheza consoante o contexto. O primeiro é “*talk show*” e o segundo “manhã”. Em Portugal, “manhã” geralmente refere-se ao intervalo entre as 6 horas (amanhecer) e as 12 horas (meio-dia). No entanto, na televisão, particularmente em programas da primeira parte do *daytime*, o conceito é várias vezes aplicado ao período entre as 10 e as 13 horas, conforme destacado pelos canais, que desde há muito descrevem os seus programas desse horário como “das manhãs”. Este uso é também corroborado por meios de comunicação, que se referem igualmente a esses *talk shows* como “das manhãs” (Almeida, 2022). Portanto, na esfera televisiva, em Portugal, “manhã(s)” pode indicar o período entre as 10 e as 13 horas. Ainda, importa referir que esses programas matinais costumavam outrora ser identificados como “magazines”, todavia, esse termo parece cada vez mais em desuso, dentro e fora da esfera televisiva, e atualmente é mais utilizado “*talk show*” (Nazareth, 2016). Assim, será por isso dada prioridade também ao termo “*talk show*” nesta análise.

Análise dos resultados

Segundo Timberg (2002, p. 19), os anos entre o final da década de 1940 e o início da década de 1950 foram um período de incomum abertura por parte da televisão para experimentar e criar novos formatos. Foram, porém, necessários mais de 30 anos entre aquele que, segundo Parrent (2003, p. 44), foi o primeiro *talk show* em televisão, *Meet the Press*, iniciado em 1947 e apresentado originalmente por Martha Rountree e aquele que, segundo Hixson (2000, p. 668), foi o primeiro *daytime talk show* a alcançar reconhecimento, a partir de 1979, nos EUA, e apresentado por Phil Donahue.

Nesse sentido, se o género *talk show* parece ter nascido com o propósito de dar a conhecer e apresentar diversas opiniões e proporcionar discussões acerca de importantes assuntos públicos e sociais, o subgénero *daytime talk show* aparenta então ter germinado com o objetivo de dar a conhecer não as opiniões das pessoas, mas sim as pessoas – isto é, as suas tragédias, os seus feitos e as suas frustrações. Assim, se pertenceu a Phil Donahue “apresentar” ao mundo esse formato, coube a Oprah Winfrey, a partir de 8 de setembro de 1986, com *The Oprah Winfrey Show*, “mostrar” como o explorar.

Trata-se de um caminho longo e demorado que, ainda que tenha sido “iniciado” nos EUA, propagou-se depois, de forma gradual, um pouco por todo o mundo. Mas notemos agora esse trajeto no caso específico de Portugal.

A data do início da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) é um dilema. Uns dizem que foi em setembro de 1956, quando as emissões experimentais iniciaram, em Lisboa. Outros afirmam que foi a 7 março de 1957, quando essas emissões foram transmitidas numa boa parte do Porto e de Lisboa. Outros afirmam que foi

em 1958, quando o sinal chegou também a diferentes locais. Mas existe ainda uma outra data, a da aprovação legal da RTP, em 1955 (Barreto, 2007). Assumir-se-á, porém, na presente reflexão, pelo motivo acima descrito, o ano de 1958. Contudo, independentemente da data do seu início, a verdade é que, entre a criação, a construção, as primeiras e as atuais emissões televisivas, um longo e vagaroso caminho foi traçado, e não apenas no plano tecnológico, como também legal, social, cultural, político e económico. E se as conquistas previamente feitas em contexto internacional influenciaram cada um dos muitos passos que foram dados na televisão portuguesa, é óbvio que o particular ambiente nacional também o fez.

O programa *Zip-Zip*, em 1969, foi o início de uma importante mudança no panorama da televisão, em Portugal, representando o primeiro *talk show* em contexto nacional. Contudo, tornou-se também marcante pelas temáticas que abordou, os convidados que entrevistou e o público que atraiu. O *Anuário RTP 1969*, a respeito do programa, refere o seguinte: “não era a primeira vez que se fazia aquilo entre nós; continuamente, porém, nunca se tinha feito – as curvas de audiência medidas então, atingiram níveis jamais vistos” (p. 91). Transmitido às segundas-feiras à noite, da autoria de Raul Sonado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, e tendo Luís Andrade como realizador, o *Zip-Zip* durou apenas alguns meses, entre maio e dezembro do mesmo ano. No entanto, apesar de curto, foi, a vários níveis, um programa impactante. De facto, como referiu Lopes (2012), o *Zip-Zip* eram “duas horas vivas numa TV [que se encontrava] morta”.

Figura 1: Carlos Cruz e Raul Solnado entrevistam Almada Negreiros, no *Zip-Zip* – o primeiro *talk show*, em Portugal



Fonte (acedido a 21/09/2023): <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/almada-negreiros-no-zip-zip/> (Imagem autorizada pela RTP – Ref.: 2182/19)

Mas qual terá sido a reação do público, no geral, a esse novo e distinto programa de televisão, em Portugal? No *website* da RTP, a esse respeito, pode-se ler o seguinte:

O país, esse, respondeu com entusiasmo a um programa que revolucionou as noites da televisão, o futuro de muitos programas que viriam a ser feitos, a consciência e as atitudes do público e mesmo a relação com os Censores. Alguns tabus caíam, e do primeiro ao último minuto do programa viviam-se tanto alegrias como tristezas.¹

Ainda que fossem obrigados a negociar o conteúdo planeado com a Censura, a verdade é que o programa,

¹ Fonte (acedido a 21/09/2023): <https://www.rtp.pt/programa/tv/p16747>

como um todo, não teria sido sequer possível em anos anteriores. Vivia-se, à data, a chamada “Primavera Marcelista”, uma realidade social que possibilitou à televisão e à sua programação uma abertura um pouco maior comparativamente àquilo que tinha acontecido no passado. E o *Zip-Zip* aparenta então ter sido um dos frutos mais estimados dessa “primavera”, em televisão. Um fruto que, com o tempo, veio a proporcionar mais e mais frutos, e entre os quais se inserem também, obviamente, os muitos *talk shows* do período da manhã, juntamente com a vivacidade e a imprevisibilidade que ainda hoje os caracterizam. Fialho Gouveia, em entrevista, referiu, relativamente ao programa, o seguinte:

“(…) O ‘Zip’ impõe mudança mas também beneficia dessa mudança. Um ano antes não teria sido possível. É o primeiro programa onde as entrevistas são feitas com o público presente e diziam-se então coisas que tempos antes eram consideradas tabu. Essas coisas, depois de ditas, tinham a imediata reação do público sobre elas. E eram reações que iam do aplauso à gargalhada ou mesmo à comoção. Havia alturas em que o público se emocionava de verdade. O que posso dizer é que o ‘Zip’ foi uma experiência humana e profissional inesquecível. O ‘Zip’ era um ‘talk-show’ muito festivo, com boas entrevistas, bons momentos de humor e de música. Foram coisas importantes que se disseram a falar, a cantar e a rir.” (Teves, 2007b, p. 10)²

Entre o *Zip-Zip*, em 1969, “o primeiro programa com público a assistir e a participar” (Teves, 2007b, p. 10), ou seja, o primeiro *talk show*, em Portugal, e o “primeiro *Talk-show day-time* nas manhãs da televisão portuguesa” (Nazareth, 2016, p. 142), intitulado *Espaço 12-13*, em 1985, passaram mais de 15 anos.³ Assim, parece plausível afirmar que se o *Zip-Zip* foi o despertar de um novo género televisivo, em Portugal, faltava ainda que esse, depois de nascido, se adaptasse e vingasse também no período das manhãs. Esta foi uma tarefa que recaiu também sobre a RTP, ou seja, não apenas descobrir um novo caminho, mas, acima de tudo, percorrê-lo. O *Espaço 12-13*, em 1985, foi, então, o despoletar de um novo trajeto, por parte da RTP, do qual os outros canais viriam depois a se beneficiar, em particular a SIC e a TVI.

RTP 1: desde 1985

O *Espaço 12/13*, em 1985, segundo Teves (2007c, p. 11) “fez funcionar, e bem, as equipas de informação, produção e realização do Porto que, à hora de que dispunham, ‘colaram’ notícias, reportagens regionais, ‘talk-shows’, música. [Era] de tudo um pouco em pouco tempo, mas bem distribuído pelos dias da semana.” Fica evidente, pela descrição acima, que o primeiro *daytime talk show*, em Portugal, era já um desenho daquilo que mais tarde seria por praticamente todos conhecido como *infotainment*, pois localizava-se – algures num lugar incerto – entre o entretenimento e a informação, “alimentando-se” de ambos os lados (Brants, 1998;

² “Entrevista conduzida por Conceição Lobo e Mário Rui de Castro, *Grande Plano* - revista da COOPTV, n.º 9, Maio/Junho de 1987”, em Teves, V. H. (2007b). *Anos 60. Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-26). RTP [ebook] (nota 17).

³ Em entrevista, a 26 de julho de 2019, Branco da Cunha referiu ter existido, por volta de 1983/1984, um outro programa, que acredita ter-se chamado *Espaço Porto*, de cerca de meia hora, e que passava no final da tarde. Segundo o próprio, esse programa de vida curta funcionou como “uma espécie de balão-de-ensaio”. Apesar de vários esforços nesse sentido, não foi possível validar esta informação.

Lourenço, 2017; Stockwell, 2004). Tratava-se de um novo programa que, não muito tempo depois, pela sua consistência a vários níveis, cresceria em tempo de emissão.

O que o espectador podia esperar para ver no “Espaço 12/13” era um magazine cultural e recreativo, geralmente dominado por um tema e a partir do qual se derivava para o comentário, a entrevista, a reportagem. Dois pequenos blocos informativos e alguma música compunham o alinhamento coordenado pelo produtor Isolino de Sousa e realizado por Adriano Nazareth Jr. Na apresentação estava uma Ivone Ferreira cada vez mais afirmativa, Maria João Kruss e Rui de Melo. À medida que o programa avançava, era visível estar ali um trabalho bem armado, consistente, capaz de fidelizar espectadores. Assim, não admirou que uma atenta Direção de Programas se apressasse a conceder-lhe mais tempo de emissão. O “espaço” passou a contar-se a partir das 11 h., revelou novas rubricas e novos colaboradores, e ganhou ainda mais música portuguesa. (Teves, 2007e, p. 10 nota 18)

Surgiu então, de seguida, o *Espaço 11/13*, em 1986, o qual, como o nome e a transcrição acima indicam, passou a ser emitido cerca de uma hora antes, comparativamente ao programa anterior. Este programa esteve na génese de um outro, que apareceu pouco tempo depois, o *Às Dez*, ainda em 1986, que começava ainda uma hora mais cedo (aproximadamente).⁴ Além disso, era também um *talk show* onde continuava, segundo Teves (2007d, p. 13), a caber “quase tudo, com áreas de entretenimento e divulgação, [era um] espaço aberto ao diálogo com convidados e muita música intercalar”. Apesar do relativo sucesso do formato, com o passar do tempo, parecem ter começado a ficar cada vez mais claros aqueles que viriam a ser os principais ingredientes “secretos” dos *talk shows* da manhã e, por isso, o responsável, Elísio de Oliveira, decidiu, a certa altura, imprimir ao programa um novo ritmo, com “mais música, mais entrevistas, mais espetáculo, maior vivacidade” (Teves, 2007e, p. 10). “As emissões regulares iniciaram-se no dia 14 de outubro de 1986 e terminaram em 1990” (Nazareth, 2016, p. 145). “O último *Às Dez* foi exibido no dia 14/09/1990. Na segunda-feira seguinte, (...) o programa foi substituído pelo magazine *Ponto de Encontro*”⁵. Aparece então o *Ponto de Encontro*, em 1990.⁶ O *Anuário RTP 1990*, refere, a respeito do programa, o seguinte: “englobou entrevistas, rubricas, música, e outras áreas do espetáculo, assim como o concurso ‘Trevo da Sorte’” (p. 109). Segundo o *website Brinca Brincando*⁷, a cada 15 dias um novo apresentador dava a sua cara ao programa. Foram 12, no total, aqueles que participaram: Simone de Oliveira, Vítor de Sousa, Ana Bola, Rita Ribeiro, Madalena Balça, Ana Maria Lucas, Paulo Fernando, Maria João Metello, Álvaro de Magalhães, Nicolau Breyner, Carolina Ferreira e Manuel Luís Goucha.⁸ O objetivo era criar um “ponto de encontro” de múltiplas pessoas, provenientes de inúmeras áreas, para conversar. Tornaram-se também presença regular algumas pessoas que transitaram do programa anterior, o *Às Dez*, como foi o caso de

⁴ Importa lembrar que, durante algum tempo, na RTP1, o período do meio-dia foi ocupado por uma telenovela.

⁵ Fonte (acedido a 21/09/23): <https://brincabrincando.com/as-dez/#1565425312680-6cfd693d-0f11>

⁶ A SIC teve um programa com o mesmo nome, apresentado por Henrique Mendes, de 1994 a 2002.

⁷ Uma plataforma *online* que, com base em Anuários da RTP, revistas, jornais e outros documentos da época, coleciona um vasto número de memórias televisivas da RTP, mas não só. O projeto é coordenado por João Costa (entrevistado na presente investigação), que gentilmente se disponibilizou a partilhar parte do seu conhecimento e da sua base documental.

⁸ Fonte (acedido a 21/09/23): <https://brincabrincando.com/ponto-de-encontro/#1565421945472-93534587-8bf5>

diversos especialistas, das mais diversas áreas, entre eles Isabel Telinhos (profissional de moda), Luís de Matos (mágico), Dr.^a Manuela Lanhoso (ginecologista), etc.⁹

Figura 2: O *Espaço 11/13*, em 1986, foi o segundo *daytime talk show*, em Portugal



Fonte (acedido a 20/09/23):

https://www.youtube.com/watch?v=vQ6v332F1V0_0:20

De seguida, segundo João Costa (em entrevista), existiram vários outros *talk shows* matinais diários, curtos em existência, como o renovado e alargado *Bom dia*, em 1991, com Ivone Ferreira e José Carlos Castro, entre as 9 e as 11:30 horas; o *Clube da Manhã*, em 1992, entre as 11:30 e as 12 horas, com Luís Pereira de Sousa e Dalila Carmo (como assistente); o *Pela manhã*, em 1993, realizado por António Branco da Cunha e apresentado por Carlos Daniel e Filipa Marques de Sousa, entre as 10 e as 12 horas; e, de novo, o mais uma vez reavivado e renovado *Bom dia*, em 1994, entre as 9 e as 11:40 horas, o qual também foi apresentado por Carlos Daniel e Filipa Marques de Sousa.

Manuel Luís Goucha voltou a aparecer, e agora ainda com mais protagonismo, no programa *Viva a Manhã*, em 1994, ao lado de Anabela Mota Ribeiro. Este programa apresentou-se, à semelhança dos anteriores, “numa linha de entretenimento descomplexado, onde a conversa e a música tinham lugar” (Teves, 2007f, p. 5). Apensar de ser já uma presença habitual em outros programas da manhã, foi neste em particular que Manuel Luís Goucha exibiu uma postura mais descontraída, como ele mesmo o afirmou, em entrevista:

“Este é o horário e o figurino que me permite ser mais informal, mais descontraído, mais ‘eu’. Sobra uma recordação boa dos 9 meses que trabalhei no ‘Bom Dia’ [¹⁰]. Por outro lado, foi a RTP-Porto que me descobriu para outros programas que não os culinários. Se tiver de me assumir como o produto de alguma coisa, é da RTP-Porto e isso une-me especialmente a esta casa.” (Manuel Luís Goucha a Carla Afonso, TV Guia n.º 882, 5 a 11.11.1994). (Teves, 2007f, p. 5 nota 10)

⁹ Fonte (acedido a 21/09/23): <https://brincabrincando.com/ponto-de-encontro/#1565421945472-93534587-8bf5>

¹⁰ No *blog* do apresentador, acedido a 21/09/2023 (<http://cabaredogoucha.pt/tesourinhos-deprimentes/>), pode-se verificar que o referido programa “começava às 7.30 e terminava por volta das 10.00.”

Por sugestão do próprio Manuel Luís Goucha, o programa *Viva a Manhã* viria depois a chamar-se *Praça da Alegria*, em 1995. No *blog* do apresentador, intitulado *Cabaré do Goucha*, a esse respeito, pode ler-se o seguinte: “sugeri, então, o nome ‘Praça da Alegria’, por achá-lo sugestivo e conveniente, como que para dar o mote a tudo o que ali poderia acontecer”¹¹. A vivacidade e a intensidade do programa aparentam ter sido de tal forma evidentes que, em 2002, um meio noticioso chegou mesmo a intitular o programa de “Reino da alegria”¹². Não muito tempo depois do início da *Praça da Alegria*, Anabela Mota Ribeiro seria substituída por Sónia Araújo (que ainda hoje permanece na apresentação do programa). Manuel Luís Goucha e Sónia Araújo permaneceriam juntos até 2002. Depois, o apresentador mudou-se para a TVI, para apresentar um programa concorrente, intitulado *Olá Portugal*.

Com a saída de Manuel Luís Goucha o programa não acabou. Entrou em cena Jorge Gabriel que, segundo Teves (2007a, p. 9), impôs naturalmente no programa a “sua personalidade”. É preciso ter em mente o papel do género feminino nestes programas que, por esta época, apareciam em cena como “assistentes” do apresentador. Essa foi uma realidade que, ainda que gradualmente, anos mais tarde, se viria a alterar. Nesse papel estiveram, entre outras figuras, Anabela Mota Ribeiro, Dalila Carmo e Sónia Araújo, sendo que esta última ganhou depois mais protagonismo ao lado de Jorge Gabriel. Porém, em 2013, com a mudança para os estúdios de Lisboa, os referidos apresentadores seriam temporariamente substituídos por Tânia Ribas de Oliveira e João Baião.

Figura 3: Manuel Luís Goucha e Sónia Araújo, na *Praça da Alegria*, que apresentaram juntos até 2002



Fonte (acedido a 21/09/23):

<https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe90/MaisPaisEMaisMundoNosAnosDifíceisDaRTP/Paq15/default.htm>

Importa ainda abordar aquela que foi a curta existência, no período da manhã, do programa *Agora Nós*, em 2014, apresentado por Tânia Ribas de Oliveira e José Pedro Vasconcelos (e produzido pela Coral Europa). No entanto, o retorno de Jorge Gabriel e Sónia Araújo dar-se-ia, não muito tempo depois, com o programa (encurtado simplesmente para) *Praça*, em 2015, no Porto. Mas, mais tarde, o programa voltaria de novo a ser chamado de *Praça da Alegria*, em 2018, persistindo, com relativo sucesso, até aos

¹¹ Fonte (acedido a 21/09/2023): <http://cabaredogoucha.pt/o-praca-da-alegria-chegou-ao-fim/>

¹² Fonte (acedido a 21/09/2023): <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/as-manhas-da-tv>

dias de hoje.

SIC: desde 1999

A SIC (Sociedade Independente de Comunicação) foi o primeiro canal de televisão privado a apresentar um *talk show* matinal regular, em Portugal, intitulado *SIC 11 Horas*, em 1999. O programa, apresentado por Júlia Pinheiro, depois de pouco tempo de existência, antecipou o início da sua emissão para as 10 horas. Esse novo programa, muito pouco tempo depois, chamar-se-ia então *SIC 10 Horas*, ainda em 1999. O objetivo da SIC era claro: “golpear” aquele que, segundo o jornal *Público*, à data, se tinha tornado um “quase monopólio da RTP1 e do programa de Manuel Luís Goucha”¹³. Em *Estratégias e rumos no panorama audiovisual português*, Lopes (2000, p. 89) registou o aparecimento deste *talk show* matinal. A autora, a esse respeito, referiu o seguinte:

Avizinhado na RTP-1 pela *Praça da Alegria* – um programa popular, de conversa solta à volta de temas diversificados, já com cerca de cinco anos de existência e, conseqüentemente, com uma audiência fidelizada –, a SIC decide, em Janeiro de 1999, apostar no período matinal. À frente da emissão coloca uma apresentadora multifacetada, Júlia Pinheiro, que os telespectadores conheciam de um programa que aproximou a televisão dos problemas do quotidiano (*Praça Pública*), de outro que se assumiu com uma irreverência nunca vista face ao poder instituído (*A Noite da Má Língua*) e ainda de um outro que transformava o pequeno ecrã num benemérito acessível a todos (*SOS-SIC*). Dividido em três blocos – Histórias, Viver Melhor e Praça Pública –, este espaço, para além de contar pedaços de vida de cidadãos que permanecem na penumbra da atenção dos jornalistas e de fornecer alguns conselhos para uma vida mais saudável, procura também ir ao encontro de problemas do quotidiano que não conseguem integrar os alinhamentos dos programas diários de informação televisiva. (Lopes, 2000, p. 89)

O programa, que durou vários anos, contou com a colaboração e a intervenção de Cláudio Ramos, Maya, Fernando Rocha, Camacho Costa entre outros, sendo muitas e diversificadas as temáticas abordadas diariamente. De salientar também a “Árvore das Patacas”, um concurso que decorria durante o programa e que tinha como fim oferecer dinheiro aos telespetadores que telefonassem e que fossem selecionados, e que ficou conhecido por ser apresentado pelo ventríloquo José Freixo (e o “Pato Donaltim”). “O programa foi apresentado pela Júlia Pinheiro e mais tarde por Fátima Lopes que foi durante muito tempo o rosto das manhãs do canal de Carnaxide. O programa esteve em emissão entre abril de 1999 e novembro de 2005” (Nazareth, 2016, p. 146).

¹³ Fonte (acedido a 22/09/2023): <https://www.publico.pt/1999/01/14/jornal/sic-ataca-as-onze-horas-124762>

Figura 4: O ventríloquo José Freixo (e o "Pato Donaltim"), no *SIC 10 horas*



Fonte (acedido a 22/09/23): <http://sicgold.blogspot.com/2019/02/sic-10-horas-estreu-ha-20-anos-recorde.html>

Surge depois um novo *talk show* matinal, intitulado *Fátima*, em 2005. O programa, que ocupava cerca de três horas, era apresentado pela própria Fátima Lopes. O jornal *Diário de Notícias*, à data, sob o título "SIC começa a mudar com 'Fátima' mais moderna e cúmplice", referiu, a respeito do programa, o seguinte: "Fátima é a primeira aposta apresentada pela nova direcção de programas da SIC, que começa assim um 'rejuvenescimento da antena'"¹⁴. No mesmo artigo, pode ler-se ainda o seguinte, referente ao programa:

O novo programa enfatiza a figura da apresentadora das manhãs da SIC. Fátima (Lopes) vai ser cúmplice, amiga, confidente. O programa será composto de "muitas emoções, casos de solidariedade, causas humanas, música e humor", disse ontem aos jornalistas o director de programas da estação, Francisco Penim.

Feito com a mesma apresentadora, a mesma equipa e no mesmo local que o SIC 10 Horas (os estúdios da Comunicasom) o novo programa foi alvo de um trabalho forte ao nível da imagem. Fátima Lopes mudou o visual, o cenário é moderno, de cores frescas (rosa, azul e verde) e uma sofisticação que faz lembrar a SIC Mulher.¹⁵

Surge, então, posteriormente, o programa *Companhia das Manhãs*, em 2009. Este foi um *talk show* apresentado por duas pessoas, Rita Ferro Rodrigues e Francisco Menezes. Ainda que ambos os apresentadores tivessem um protagonismo semelhante, as suas funções eram distintas. Segundo o ex-apresentador (em entrevista), cabia a Rita Ferro Rodrigues interpretar o lado mais empático e sensível e a Francisco Menezes liderar naquelas que eram questões mais cómicas e recreativas. O apresentador foi mais tarde substituído e, aquando da sua saída, afirmou o seguinte: "espero que nos voltemos a encontrar, de

¹⁴ Fonte (acedido a 22/09/2023): <https://www.dn.pt/arquivo/2005/sic-comeca-a-mudar-com-fatima-mais-moderna-e-cumplice-629824.html>

¹⁵ Fonte (acedido a 22/09/2023): <https://www.dn.pt/arquivo/2005/sic-comeca-a-mudar-com-fatima-mais-moderna-e-cumplice-629824.html>

preferência não neste descascador de almas que é a TV *daytime*¹⁶.

Júlia Pinheiro entraria de novo em cena nas manhãs da SIC, com um novo programa, o qual seria intitulado de *Querida Júlia*, em 2011. Entre, aproximadamente, as 10 e as 13 horas, o programa deu continuidade àquilo que tinha sido feito anteriormente, mas agora sob uma nova designação e mais centrado na pessoa de Júlia Pinheiro.

Queridas Manhãs, em 2014, foi o programa escolhido para combater a concorrência cada vez mais forte da TVI. De volta aos pares, a SIC apostou de novo em Júlia Pinheiro, mas agora ao lado de João Paulo Rodrigues. Um pouco ao jeito daquilo que tinha acontecido no *Companhia das Manhãs*, a figura masculina aparentava existir para preencher o lado mais engraçado e cómico do programa (algo que não parecia acontecer, pelo menos de forma tão demarcada, nos programas da RTP1 e da TVI). O programa apresentava-se, em muito aspetos, semelhante ao *Você na TV!*. Tal como acontecia nas manhãs da TVI, o caos, a incerteza, o imprevisível e o riso tornaram-se também na SIC ingredientes imprescindíveis. Porém, a TVI, pioneira nessa estratégia, continuaria a prosperar ao nível de audiências. Perdendo terreno para a TVI, o programa da SIC seria mais tarde substituído.

Surge, então, mais um *talk show* matinal, intitulado *O Programa da Cristina*, em 2019. E, com este programa, a SIC transferiu não apenas Cristina Ferreira, da TVI, mas, com ela, a liderança em termos de audiências nas manhãs televisivas. Trata-se de uma mudança que, surpreendentemente, fez estremecer não apenas o período das manhãs, mas, de uma forma geral, a paisagem televisiva, com benefício para a SIC. O estúdio, a equipa e a própria forma de apresentação do programa mudaram. Uma mudança que incitou os restantes canais e os seus respetivos programas da manhã também a adaptarem-se. Mas não durou muito tempo, pois Cristina Ferreira trocou novamente de estação, desta vez, da SIC para TVI.

Surgiu, então, de um momento para o outro, e com outro nome, o programa *Casa Feliz*, em 2020. Uma parte da equipa do programa anterior manteve-se. Com uma dinâmica distinta, mas com igual vivacidade, este novo *talk show* passou a ser apresentado por Diana Chaves e João Baião, no mesmo espaço do anterior. As temáticas e a retórica emocional dão seguimento ao que acontecia nos *talk shows* anteriores. O programa mantém-se até aos dias de hoje.

TVI: desde 2002

Dos três principais canais analisados, a TVI (Televisão Independente) foi o último a entrar em cena com a apresentação de um *talk show* matinal. Esse atraso deve-se, provavelmente, a um conjunto de mudanças que, à data, ocorriam internamente na estação televisiva (Nazareth, 2016, p. 147). Mas depois de uma profunda transformação interna, uma outra, desta vez externa, visível aos olhos de todos, também sucedeu, e, não muito tempo depois, a TVI apresentou finalmente um *talk show* matinal, o qual seria o início de um novo ciclo.

Assim, foi com o programa *As Manhãs de Sofia*, em 2002, que a TVI se estreou neste campo televisivo em particular. Porém, “o programa parece não ter conquistado a atenção dos portugueses, que continuaram

¹⁶ Fonte (acedido a 22/09/2023): <http://blog-sic.blogspot.com/2011/01/francisco-menezes-abandona-companhia.html>

fiéis ao *SIC 10 Horas* e *Praça da Alegria*, da RTP1¹⁷. A fórmula deste *talk show* matinal era, de um modo geral, a mesma dos restantes programas já existentes. O *blog* "Sobre Tudo", a respeito do programa, referiu o seguinte: "abordava diversos temas como *tarot*, telenovelas, sexo, ginástica ou saúde"¹⁸. Apresentado por Sofia Alves, o programa, por alegados desentendimentos entre a apresentadora e a produção, durou muito pouco tempo, sendo rapidamente substituído por *As Manhãs da TVI*, ainda em 2002. Este programa, que foi apresentado por Rita Salema e Teresa Guilherme, também teve uma vida muito curta, existindo apenas de 27 de maio a 26 de julho.

Figura 5: *As Manhãs de Sofia*, em 2002, foi o primeiro *talk show* das manhãs da TVI



Fonte (acedido a 22/09/2023): <http://sobre-tudo-2016.blogspot.com/2017/03/a-caixinha-magica-6-as-manhas-de-sofia.html>

As mudanças na TVI continuariam, e apareceu então mais um novo *talk show* matinal, intitulado *Olá Portugal*, em 2002. Manuel Luís Goucha, vindo da *Praça da Alegria* (RTP1), seria o apresentador. A respeito dessa mudança e do novo programa que então surgia, o jornal *Público*, à data, mencionou o seguinte:

Manuel Luís Goucha, o apresentador do *Praça da Alegria* da RTP1, assinou ontem à tarde contrato com a TVI para dar a cara pelo novo programa das manhãs daquele canal. Goucha começará a apresentar já na próxima segunda-feira o *Olá Portugal*, que substitui *As Manhãs da TVI*, conduzido nos últimos tempos pela dupla Teresa Guilherme/Rita Salema. O apresentador, a última das figuras de topo que o canal público ainda conservava, acabou por abandonar a 5 de Outubro depois de oito anos no *Praça da Alegria*. Goucha continuará a apresentar o programa da RTP até ao fim da semana e na segunda-feira o seu lugar será ocupado por Jorge Gabriel. Sónia Araújo, que assessorava Goucha

¹⁷ Fonte (acedido a 22/09/2023): http://www.meiosepublicidade.pt/2002/03/sofia_no_convence/

¹⁸ Fonte (acedido a 22/09/2023): <http://sobre-tudo-2016.blogspot.com/2017/03/a-caixinha-magica-6-as-manhas-de-sofia.html>

manter-se-á no Praça da Alegria. Jorge Gabriel continuará a ser o rosto do concurso do fim de tarde O Preço Certo em Euros, já que este é um programa pré-gravado. Manuel Luís Goucha assinou o contrato com a TVI ontem à tarde. Sobre os valores da remuneração do apresentador a regra é o segredo e também não se fala de objectivos de audiências. De acordo com Maria Ana Borges de Sousa, directora de marketing e relações exteriores da TVI, “já há um alinhamento para o programa”, mas este “será trabalhado durante esta semana com o novo apresentador”. A filosofia do programa de três horas (das 10h às 13h), dirigido ao público feminino, essencialmente às donas de casa, “não sofrerá alterações”.¹⁹

Figura 6: “Preparada para os teus primeiros cinco minutos de fama?”, foi assim introduzida a repórter do *Olá Portugal*, Cristina Ferreira



Fonte (acedido a 23/09/2023): <https://lifestyle.sapo.pt/fama/noticias-fama/artigos/video-relembra-a-estrela-de-cristina-ferreira-nas-manhas-da-tvi>

Por outro lado, é de salientar ainda que foi neste programa em particular que Cristina Ferreira, então repórter, deu alguns dos seus primeiros passos nos programas da manhã.²⁰ Porém, em pouco tempo, o seu papel mudaria drasticamente. Findo o *Olá Portugal*, em 2004, um novo programa surgiria. E, daí em diante, Cristina Ferreira apareceria como uma das principais figuras dos *talk shows* matinais.

Posteriormente estrearia então o programa *Você na TV!*, em 2004. Este *talk show* matinal, líder de audiências durante vários anos, divide-se, sobretudo, em duas fases. A primeira é composta por Manuel Luís Goucha e Cristina Ferreira, entre 2004 e 2018. E a segunda, que tem início em 2019, dá-se com o aparecimento de uma nova dupla, que não durou muito tempo, Manuel Luís Goucha e Maria Cerqueira Gomes. Com a saída de Cristina Ferreira, a liderança do programa, ao nível de audiências, findou.

Esse duradouro programa seria então substituído por outro, o *Dois às 10, em 2021*. Apresentado por Cláudio Ramos e Maria Botelho Moniz, um dos pontos de destaque aparenta ter sido a figura do apresentador, que se mostrou debaixo de uma “personagem” mais madura do que aquela que tinha habituado os telespetadores na SIC, ao lado de Cristina Ferreira. O programa continua ativo até aos dias de hoje, dando seguimento ao que até então já acontecia.

¹⁹ Fonte (acedido a 23/09/2023): <https://www.publico.pt/2002/09/03/jornal/goucha-nas-manhas-da-tvi-174148>

²⁰ Fonte (acedido a 23/09/2023): <https://lifestyle.sapo.pt/fama/noticias-fama/artigos/video-relembra-a-estrela-de-cristina-ferreira-nas-manhas-da-tvi>

Discussão

Em termos gerais, quando analisamos a evolução televisiva, notamos que as suas dinâmicas e os seus intervenientes tornaram-se com o tempo cada vez menos mecânicos; foram ficando cada vez mais naturais, mais humanizados (Casetti & Odin, 1990; Eco, 1986). Todavia, importa neste momento salientar o “progresso” entre o primeiro *talk show* nos EUA, o *Meet the Press*, em 1947, e o primeiro *daytime talk show*, conduzido por Phil Donahue, em 1979, também nos EUA, que veio depois a influenciar a paisagem televisiva geral. Evidente também é, neste caso, o facto destes programas terem passado de uma abordagem mais centrada nas questões sociais para uma mais focada nas temáticas pessoais (Hixson, 2000; Parrent, 2003; Timberg, 2002). Mas vejamos o caso em particular de Portugal.

Conforme analisado, em Portugal, a televisão, de um modo mais amplo, iniciou em 1958, contudo, é de destacar neste estudo o programa *Zip-Zip*, que foi lançado em 1969, e que marcou o início de um novo género: o *talk show*. Este programa abordou temas que anteriormente eram considerados tabu, conquistando a audiência e desempenhando um papel fundamental na evolução da televisão e dos *talk shows* em geral. Este período televisivo marcou o primeiro passo de um caminho que nos levaria então depois ao primeiro *talk show* matinal em Portugal.

A análise da evolução dos *talk shows* matinais revela que a RTP1 desempenhou um papel crucial a partir de 1985, sendo pioneira na experimentação e desenvolvimento deste formato, exercendo depois clara influência sobre os outros canais de televisão. A SIC, por sua vez, ingressou neste segmento em 1999, para competir com a RTP1, e ao longo dos anos lançou diversos programas, destacando-se *O Programa da Cristina*, que se tornou líder das manhãs televisivas. A TVI entrou mais tarde, em 2002, com programas como *As Manhãs de Sofia* e *Olá Portugal*, evoluindo para o *Você na TV!* em 2004, que liderou de forma clara as audiências por vários anos.

O *daytime* televisivo é caracterizado, praticamente desde o seu início, por ser um tempo televisivo único (Almeida, 2022; Hixson, 2000; Hyatt, 1997; Lourenço, 2017; Nazareth, 2016; Stole, 2003), direcionado para um público particular (Cersch, 1999; ERC, 2016; GfK, 2019; Herzog, 1944; Stole, 2003), e por, por vezes, por também partilhar conteúdo visto por muitos como questionável (Greenberg et al., 1997; Haarman, 2001; Hixson, 2000; Rössler & Brosius, 2001; Rubin & Step, 1997), misturando a realidade com a ficção e a informação com o entretenimento (Almeida, 2024b; Brants, 1998; Lourenço, 2017; Stockwell, 2004). E, com maior ou menor intensidade, de um modo geral, todos estes aspetos são claros quando se analisa o processo evolutivo dos programas matinais, em Portugal.

Todavia, importa lembrar que não estamos perante nada mais nada menos do que a evolução de um *show* – de um *show* de palavras, que é transmitido na televisão (Charaudeau & Ghiglione, 2000; Mittell, 2004; Timberg, 2002). *Show* este que, como tantos outros visa, acima de tudo, entreter, chamar à atenção, ter público, e, claro, é então propício à falha humana de vários tipos.

Ainda assim, apesar de alguns conteúdos e a forma como são partilhados possam ser questionados quanto ao “trajeto” (Postman, 2006), estes programas mostram, praticamente desde sempre, em Portugal, ter um claro compromisso em diluir no seu entretenimento conteúdos que acreditam ser de real interesse para o seu público e para a sociedade em geral (ERC, 2016; GfK, 2019). E essa é sem dúvida uma realidade que não pode ser ignorada nesta análise.

O percurso histórico destes *talk shows* revela que estes programas não se têm limitado a proporcionar apenas entretenimento sem critério, pois são hoje plataformas relativamente estáveis onde se abordam temas de interesse coletivo. É evidente que fazem tudo isso sem abandonar a sua “imagem de marca”, que é a exposição emocional dos seus intervenientes. Isso leva a que praticamente todos os temas sejam abordados com uma linguagem emocional ampliada, algo que não é novidade na retórica do *daytime*, é a identidade do seu *show* desde praticamente sempre, dentro e fora de Portugal (Herzog, 1944; Hixson, 2000; Hyatt, 1997; McQuail, 2003). Algo que, evidentemente, faz parte de um sentir comum maior, que identifica não apenas uma cultura, mas, também, um período social e temporal maior (Almeida, 2024a).

Ao longo dos anos, estes programas não só refletiram as mudanças culturais e sociais ocorridas na sociedade portuguesa, mas, ainda que muitos aspetos permaneçam por quantificar, contribuíram certamente para a sua modelação. No domínio da análise social, por exemplo, é notável que, à medida que o tempo avança, novos temas, como a masculinidade tóxica e a violência doméstica, adquiriram maior relevância e são hoje acompanhados de um incentivo direto para que os telespectadores não tolerem tais comportamentos. Estes são apenas dois exemplos entre muitos outros possíveis de enumerar. Pode-se questionar o estilo, é certo, mas parece bem mais imprudente questionar a motivação.

Conclusão

Ao analisarmos a evolução dos *talk shows* matinais na televisão portuguesa ao longo das últimas décadas, somos movidos a refletir não apenas nas mudanças no panorama televisivo, mas também sobre o impacto que estes programas podem ter exercido na sociedade que os envolve (Carey, 1988; Subtil, 2014). Por exemplo, nos últimos anos, os programas matinais consolidaram uma presença cada vez mais destacada na cultura mediática e popular portuguesa, afirmando-se como um “palco” de relevo para figuras de destaque, incluindo líderes políticos e outras personalidades. No entanto, suscita-se, entre certamente outras, uma questão: terão os *talk shows* matinais conquistado uma maior credibilidade ou estarão essas personalidades cada vez mais reféns de uma aprovação popular, esta mais centrada na figura da pessoa do que na amplitude das ideias que essa representa? Poderá, quiçá, tratar-se de uma combinação de ambos os fatores, refletindo a complexidade desta relação em constante evolução entre os meios de comunicação, a sociedade e os seus intervenientes (Almeida, 2022; Baum, 2005; Giddens, 2008; Parkin, 2014; Pereira, 2016). Todavia, é óbvio que esta é uma realidade que, em contexto nacional, carece de estudo.

Na perspetiva do autor, é fundamental não desconsiderar que os programas em análise são, de facto, *shows*, frequentemente fundamentados em questões pessoais dos seus convidados, e, por conseguinte, apresentam diversas características que os distinguem enquanto conteúdo televisivo. Se é possível melhorar? Claro que sim, em inúmeros aspetos, como qualquer outro produto social e humano. Não obstante, apesar do estigma comum associado a tais programas, é evidente que estes têm, no âmbito do seu entretenimento, transmitido mensagens de relevância, dado dicas úteis e, acima de tudo, oferecido companhia aos seus telespetadores ao longo das últimas décadas, em Portugal.

Assim, sustentar que os *talk shows* matinais carecem de interesse televisivo parece refletir uma interpretação inadequada do fenómeno televisivo; no entanto, argumentar que, de uma forma geral, falta-lhes “utilidade” aparenta revelar-se manifestamente inapropriado e impreciso. Infelizmente, nos últimos anos, muitas das situações que se

tornaram "virais" na Internet consistem apenas em eventos menos favoráveis, o que de forma alguma refletem integralmente a essência destes programas.

Informações sobre financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Referências bibliográficas

- Adams, W. (2015). Conducting semi-structured interviews. In K. Newcomer, H. Hatry, & J. Wholey (Eds.), *Handbook of practical program evaluation* (Fourth ed., pp. 492-505). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119171386.ch19>
- Aladro, E. (2000). De la telenovela a lo telegigantía. "GranHermano" y la nueva era del perspectivismo relacional en la televisión. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 5, 291-300. <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC0000110291A>
- Almeida, A. (2022). *Daytime television in Portugal: an analysis of the role of laughter in the main morning talk shows* [Institute of Social Sciences, University of Minho]. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/75831>
- Almeida, A. (2024a). Do Societies Have Emotions? *Societies*, 14(5), 65. <https://doi.org/10.3390/soc14050065>
- Almeida, A. (2024b). Praising pop emotions: media emotions serving social interests. *Humanities and Social Sciences Communications*, 11(1), 757. <https://doi.org/10.1057/s41599-024-03210-2>
- Almeida, A., & Wolton, D. (2024). The Role of Television in Shaping Democracy: An Old Dream with a Big Future? *Comunicação e Sociedade*, 45, e024007. [https://doi.org/10.17231/comsoc.45\(2024\).4893](https://doi.org/10.17231/comsoc.45(2024).4893)
- Barreto, A. (2007). Prólogo de António Barreto. In V. H. Teves (Ed.), *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-7). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Prefacio/Pag1/default.htm>
- Baum, M. (2005). Talking the vote: why presidential candidates hit the talk show circuit. *American Journal of Political Science*, 49(2), 213-234. <https://doi.org/10.1111/j.0092-5853.2005.t01-1-00119.x>
- Brants, K. (1998). Who's afraid of infotainment? *European Journal of Communication*, 13(3), 315-335. <https://doi.org/10.1177/0267323198013003002>
- Cabanas, E., & Illouz, E. (2019). *A ditadura da felicidade: como a ciência da felicidade controla as nossas vidas* (A. P. Mendes, Trans.). Temas e Debates.
- Carey, J. W. (1988). *Communication as culture: essays on media and society*. Routledge.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem* (2.ª ed.). Universidade Aberta.
- Casetti, F., & Odin, R. (1990). De la paléo- à la néo-télévision. Approche sémio-pragmatique. *Communications*, 51, 9-26. <https://doi.org/10.3406/comm.1990.1767>
- Cersch, B. (1999). Class in daytime talk television. *Peace Review*, 11(2), 275-281. <https://doi.org/10.1080/10402659908426264>

- Charaudeau, P., & Ghiglione, R. (2000). *A palavra confiscada – um género televisivo: o talk show* (S. Azevedo, Trans.). Instituto Piaget.
- Correia, J. C. (2015). Ubiquidade: a próxima revolução televisiva. In P. Serra, S. Sá, & W. S. Filho (Eds.), *A Televisão Ubíqua* (pp. 39-52). LabCom. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/136>
- DeJonckheere, M., & Vaughn, L. (2019). Semistructured interviewing in primary care research: a balance of relationship and rigour. *Family Medicine and Community Health*, 7(2). <https://doi.org/10.1136/fmch-2018-000057>
- Denscombe, M. (2003). *The good research guide: for small-scale social research projects* (2nd ed.). Open University Press.
- Drisko, J., & Maschi, T. (2015). *Content Analysis*. Oxford University Press.
- Eco, U. (1986). *Viagem na irrealidade quotidiana* (M. Pinto, Trans.). Difel.
- ERC (Ed.). (2016). *As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal*. ERC.
- Filho, W. S. (2015). A influência da tecnologia na transformação da televisão no século XXI. In P. Serra, S. Sá, & W. S. Filho (Eds.), *A Televisão Ubíqua* (pp. 83-104). LabCom. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/136>
- Fortin, M.-F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação* (N. Salgueiro, Trans.). Lusodidacta.
- Gaskell, G. (2008). Entrevistas individuais e grupais (P. Guareschi, Trans.). In M. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (7.ª ed., pp. 64-89). Editora Vozes.
- GfK. (2019). Manhãs: canais. Período analisado: janeiro a abril 2019 (dias úteis excluindo feriados) [documento interno da empresa].
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (A. Figueiredo, A. Baltazar, C. d. Silva, P. Matos, & V. Gil, Trans.; 6.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Glynn, C., Huges, M., Reineke, J., Hardy, B., & Shanahan, J. (2007). When Oprah intervenes: political correlates of daytime talk show viewing. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 51(2), 228-244. <https://doi.org/10.1080/08838150701304662>
- Gradim, A. (2015). A televisão no seu labirinto. In P. Serra, S. Sá, & W. S. Filho (Eds.), *A Televisão Ubíqua* (pp. 69-82). LabCom. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/136>
- Greenberg, B., Sherry, J., Busselle, R., Hnilo, L., & Smith, S. (1997). Daytime television talk shows: guests, content and interactions. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 41(3), 412-426. <https://doi.org/10.1080/08838159709364416>
- Haarman, L. (2001). Performing talk. In A. Tolson (Ed.), *Television talk shows: discourse, performance, spectacle* (pp. 31-64). Lawrence Erlbaum Associates.
- Herzog, H. (1944). What do we really know about daytime serial listeners? In P. Lazarsfeld & F. Stanton (Eds.), *Radio Research (1942-1943)* (pp. 3-33). Duell, Sloan and Pearce.
- Hixson, D. (2000). Daytime talk shows. In T. Pendergast & S. Pendergast (Eds.), *St. James Encyclopedia of Popular Culture* (Vol. 1: A-D, pp. 667-670). St. James Press.
- Hyatt, W. (1997). *The encyclopedia of daytime television*. Billboard Books.
- Illouz, E. (2003). *Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture*. Columbia University Press.

- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (M. Machado, Trans.). Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G. (2014). *A era do vazio* (M. Pereira & A. Faria, Trans.). Edições 70.
- Lopes, F. (2000). Estratégias e rumos no panorama do audiovisual português. In M. Pinto (Ed.), *A comunicação e os media em Portugal (1995-1999): cronologia e leituras de tendências* (pp. 77-97). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Lopes, S. (2012). «Duas horas vivas numa TV morta»: *Zip-Zip, Música e Televisão no preâmbulo da democracia em Portugal* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova]. Lisboa, Portugal. https://www.researchgate.net/publication/277239457_Duas_horas_vivas_numa_TV_morta_Zip-Zip_Musica_e_Televisao_no_preambulo_da_democracia_em_Portugal
- Lourenço, F. (2017). *A produção de conteúdos informativos em programas de entretenimento: o caso de um programa de daytime da televisão portuguesa* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Lisboa, Portugal. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22789>
- Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo* (F. Settineri, Trans.). Artes e Ofícios.
- Maffesoli, M. (2001). *O eterno instante: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas* (M. Figueiredo, Trans.). Instituto Piaget.
- Maffesoli, M. (2014). *Homo eroticus: comunhões emocionais* (A. Chiquieri, Trans.). Forense.
- Manga, J. (2003). *Talking trash: the cultural politics of daytime TV talk shows*. New York University Press.
- McQuail, D. (2003). *Teoria da comunicação de massas* (C. Jesus, Trans.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mittell, J. (2004). *Genre and television: from cop shows to cartoons in American culture*. Routledge.
- Moreira, S. V. (2005). Análise documental como método e como técnica. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 269-279). Editora Atlas.
- Nazareth, A. (2016). *Os programas de entretenimento em fluxo na televisão generalista em Portugal: o modelo de organização e a sua valorização estética numa convergência de media* [Tese de Doutoramento, Universidade do Porto]. Porto, Portugal. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/90621>
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Areal.
- Parkin, M. (2014). *Talk show campaigns: presidential candidates on daytime and late night television*. Routledge.
- Parrent, J. (2003). Talk shows, radio and television. In S. Kutler (Ed.), *Dictionary of american history* (Third Edition ed., Vol. 8 (Subversion to Zuni), pp. 44-45). Thomson Gale.
- Peck, J. (2010). The secret of her success: Oprah Winfrey and the seductions of self-transformation. *Journal of Communication Inquiry*, 34(1), 7-14. <https://doi.org/10.1177/0196859909351145>
- Pereira, J. S. (2016). *Política e entretenimento*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Postman, N. (2006). *Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business*. Penguin Books.
- Rössler, P., & Brosius, H.-B. (2001). Do talk shows cultivate adolescents' views of the world? A prolonged-exposure experiment. *Journal of Communication*, 51(1), 143-163. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2001.tb02876.x>
- RTP. (1969). *Anuário RTP 1969*. RTP.

- RTP. (1990). *Anuário RTP 1990*. RTP.
- Rubin, A., Haridakis, P., & Eyal, K. (2003). Viewer aggression and attraction to television talk shows. *Media Psychology*, 5(4), 331-362. https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0504_02
- Rubin, A., & Step, M. (1997). Viewing television talk shows. *Communication Research Reports*, 14(1), 106-115. <https://doi.org/10.1080/08824099709388651>
- Stockwell, S. (2004). *Reconsidering the fourth estate: the functions of infotainment* na APSA (Australian Political Studies Association) Conference, Adelaide.
- Stole, I. (2003). Televised consumption: women, advertisers and the early daytime television industry. *Consumption Markets & Culture*, 6(1), 65-80. <https://doi.org/10.1080/10253860302700>
- Subtil, F. (2014). A abordagem cultural da comunicação de James W. Carey. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 37(1), 19-44. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442014000100002>
- Teves, V. H. (2007a). Anos 00. Entretanto... muita determinação na conquista de objectivos. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-27). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe00/EntretantomuitaDeterminacaoNaConquistaDeObjectivos/Pag1/default.htm>
- Teves, V. H. (2007b). Anos 60. Do 2.º Programa à Lua e ao "Zip-Zip". In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-26). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe60/Do2ProgramaALuaEAo/Pag1/default.htm>
- Teves, V. H. (2007c). Anos 80. Grandes acontecimentos na informação e no desporto. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-13). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe80/GrandesAcontecimentosNaInformacaoENoDesporto/Pag1/default.htm>
- Teves, V. H. (2007d). Anos 80. Grandes projectos, novos desafios. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-20). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe80/GrandesProjectosNovosDesafios/Pag1/default.htm>
- Teves, V. H. (2007e). Anos 80. Produção Nacional, uma aposta ganha. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-23). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe80/ProducaoNacionalUmaApostaGanha/default.htm>
- Teves, V. H. (2007f). Anos 90. Entre a mudança e a reestruturação. In *RTP: 50 anos de história* (pp. 1-26). RTP [ebook]. Retirado de <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe90/EntreAMudancaEAReestruturacao/Pag1/default.htm>
- Timberg, B. (2002). *Television talk: a history of the TV talk show*. University of Texas Press.
- Wolton, D. (1994). *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão* (M. Goucha, Trans.). Edições Asa.